



O ROMANCE LATINO-AMERICANO: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO E ANÁLISE DO DISCURSO¹

MEIRA, Larissa Dobrachisky²
ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares³
DORNELES, Elizabeth Fontoura⁴

Resumo: Este texto traz a síntese dos estudos realizados no projeto PIBIC⁵ - UNICRUZ, intitulado "Gênero e poder no romance latino-americano: uma perspectiva da linguagem, a partir da análise do discurso", cujo objetivo geral foi analisar romances representativos da literatura latino-americana, em termos de gênero e ideologia. Assim, os fundamentos teóricos são, respectivamente, do âmbito de gênero e crítica feminista na literatura e análise do discurso. O *corpus* literário foi constituído pelos romances *A casa dos espíritos* (1982), de Isabel Allende, e *A mulher habitada* (1988), de Gioconda Belli. Em termos gerais, foi possível verificar que a mulher aparece, quase sempre, como esteio do lar e assumindo um papel de submissão ao homem. Em outro extremo, há algumas que conseguem romper com esse cenário, a exemplo de Lavínia, em *A mulher habitada*.

Palavras-Chave: Literatura. Gênero. Linguagem. Discurso.

Abstract: This text presents a synthesis of studies performed in PIBIC project - UNICRUZ entitled "Gender and Power in Latin American novel: a perspective of language, from the analysis of speech", whose main objective was to analyze representative novels of Latin American literature in terms of gender and ideology. Thus, the theoretical foundations are, respectively, the scope of gender and feminist critic in literature and discourse analysis. The literary *corpus* was constituted by the novels *A casa dos espíritos* (1982), Isabel Allende, and *A mulher habitada* (1988), Gioconda Belli. In general, we found that the woman displayed almost always as a mainstay of the home and taking a submissive role to men. At the other extreme, there are some who manage to break this scenario, like Lavínia in *A mulher habitada*.

Keywords: Literature. Gender. Language. Speech.

¹ Pesquisa vinculada ao GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação, da UNICRUZ.

² Acadêmica do 3º período de Jornalismo. Bolsista PIBIC – UNICRUZ.

³ Professora da Universidade de Cruz Alta. Doutora em Letras – Estudos Literários pela UFRGS. Pesquisadora e Coordenadora do GEPELC. Orientadora do projeto PIBIC – UNICRUZ.

⁴ Professora da Universidade de Cruz Alta. Doutora em Letras – Análise do Discurso pela UFRGS. Pesquisadora do GEPELC. Colaboradora do projeto PIBIC – UNICRUZ.

⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.



Introdução

A pesquisa teve como objetivo analisar romances representativos da literatura latino-americana, em termos de gênero e ideologia, tendo como mecanismo de investigação a linguagem, recorrendo, para sua elucidação, a suportes da crítica literária feminista e fundamentos de análise do discurso.

Assim, o estudo proposto permitiu a realização de um trabalho integrador dos conhecimentos específicos dos estudos literários e dos fundamentos da Análise do Discurso - AD, possibilitando o alargamento da compreensão das questões de gênero e linguagem, pois as implicações de gênero se tornam visíveis pela linguagem e, portanto, das próprias configurações da identidade feminina, dentre as quais a ideológica, em contraste com a masculina, expressas no contexto dos romances estudados.

Nessa direção, na linha de pesquisa de Linguagem e Comunicação, a pesquisa procurou contribuir com as reflexões literárias e dos estudos da linguagem. As obras estudadas foram: *A casa dos espíritos*⁶ (1982), da chilena Isabel Allende, e *A mulher habitada*⁷ (1988), da nicaraguense Gioconda Belli.

Neste texto, os aportes teóricos básicos foram: Lauretis (1992); Pinheiro e Bungard (2012); Foucault (1995); Orlandi (1999 e 2001); Tavares (2007) e Dorneles (2005).

Metodologia e/ou Material e Métodos

A pesquisa de cunho bibliográfico e hermenêutico adotou, como metodologia, encontros periódicos das pesquisadoras e a bolsista, sendo desenvolvida, dentro das etapas do projeto. As etapas foram as seguintes: leitura dos romances integrantes do *corpus* da pesquisa; construção de aportes teóricos de gênero, ideologia, literatura e Análise do Discurso, com o intuito de fundamentar a análise dos papéis sociais

⁶ As citações feitas neste texto pertencem à edição de 2004.

⁷ As citações feitas neste texto pertencem à edição de 2000.



femininos verificados nas obras escolhidas; e análise dos romances, considerando os fundamentos teóricos.

Resultados e Discussões

O entendimento de gênero não se reduz unicamente ao traço sexual distintivo; a ele associam-se outros elementos, constantes das configurações socioculturais, étnico-raciais, político-ideológicas, filosóficas, religiosas, etc., reveladas nos traços discursivos, para o que a Análise do Discurso representa um mecanismo fundamental. O gênero está incluído na diferença sexual como um efeito de linguagem; a sexualidade, por sua vez, precisa ser compreendida, na realidade, como uma tecnologia sexual, como preceitua a concepção de Foucault. Para essa compreensão, Lauretis (1992, p. 24) afirma que: "o gênero, como representação e como auto-representação [sic] é o produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana".

Nesse sentido, *A casa dos espíritos* (1982), da chilena Isabel Allende, e *A mulher habitada* (1988), da nicaraguense Gioconda Belli, constituem-se em textos apropriados para a investigação-análise proposta, seja pela representatividade de seus autores no cenário latino-americano, seja pela qualidade de tais produções.

Os romances analisados, pela presença das figuras femininas – através do seu discurso, pelas próprias condições de vida em que se encontram, pelas relações coercitivas, nas quais o espaço da fala/verbalização lhes é negado ou conquistado -, revelaram-se apropriadas à verificação das configurações de gênero, no cotejo com o espaço masculino.

Uma visão acerca de gênero e análise do discurso

Ao referir-se aos estudos relativos à temática feminina e à história das mulheres nas sociedades ocidentais, Michelle Perrot apud Pinheiro e Bungard (2012) aborda as



dificuldades enfrentadas por quem decide estudar as mulheres, pois se trata de terreno de “incertezas”, “controvérsias movediças” e “ambiguidades”, e, quanto a isso, a primeira dificuldade se refere à “natureza masculina” ou androcentrismo da História, que tem ocultado o papel desempenhado pelas mulheres, na sociedade.

A História tem mostrado o percurso da mulher na sociedade, na família, em todos os ambientes que ela faz parte, e esse percurso é sempre atravessado pelo discurso da figura masculina, não como o reflexo de uma natural interação intersubjetiva, mas como o produto de uma arraigada discriminação de sexo-gênero, na qual o espaço social ocupado por ela é física e ideologicamente reduzido em contraste com o do macho (TAVARES, 2007).

Os estudos de gênero, entretanto, nos últimos tempos, têm trazido contribuições à historiografia contemporânea, pois, além de tirarem as mulheres da invisibilidade do passado, colocam um conjunto de questões e reflexões metodológicas importantes. Essas pesquisas, como afirmam Pinheiro e Bungard (2012), mostram a necessidade de se historicizar os conceitos e categorias analíticas legados pelas produções tradicionais, levando a enfrentar o desafio do passado, perceber as possibilidades de transição e conduzindo a uma nova experiência social, diante dos paradigmas culturais centrados na hegemonia masculina.

Assim, os estudos são recentes e, a exemplo do que pontuam os autores citados, procuram estabelecer compreensões teóricas sobre os questionamentos que surgem, a partir das práticas políticas que marcam o percurso de alguns movimentos sociais, especialmente o feminista. Com isso emergem, no espaço político, indagações e debates sobre comportamentos que, segundo as concepções tradicionais, foram, no decorrer dos tempos, compreendidos como “naturais” para atitudes discriminadoras e práticas políticas de dominação e conseqüente submissão (Pinheiro e Bungard, 2012).

Gênero, segundo Telles (1992) apud Tavares (2007), constitui-se em uma maneira de estabelecer distinção entre as pessoas; é, portanto, uma classificação fundada em traços sexuais que amplia por “cruzamentos de representações e linguagens”.

Por outro lado, os estudos de linguagem têm revelado que, nos últimos anos, houve uma revolução, pois os estudos lingüísticos, ao se desvincularem do historicismo



das línguas, envolvendo outros campos do conhecimento, passaram a ter uma disciplina de interpretação. A partir dessas novas vertentes do estudo, como afirma Dorneles (2005), vêm os pressupostos para o entendimento da Análise do Discurso.

A linguística afirma não haver uma transparência de linguagem, e a AD, por sua vez, mostra que realmente não existe uma relação direta de um para outro, na relação linguagem/pensamento/mundo, mas que cada um tem sua especificidade (ORLANDI, 2007).

Por outro lado, o materialismo histórico, de Marx e Engels, mostra a possibilidade de se tratar os fatos históricos como integrantes de uma ciência das formações sociais e, como ressalta Dorneles (2005), na historicidade que permeia tais processos, encontra-se a sustentação científica, que permite a essas ciências sociais o entendimento da prática técnica e empírica.

Outra grande contribuição do marxismo à Análise do Discurso, por Michel Pêcheux (Dornelles, 2005), é a compreensão da ideologia, vista como um elemento que está ligado a todo o processo de formação de uma ciência. A ideologia representa uma espécie de saturação, ou seja, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de evidência, que se sustenta pelo que já foi dito. Para a autora, na ideologia não existe uma ocultação de sentidos, mas apagamento do processo de sua constituição. Assim, “o trabalho ideológico é um trabalho de memória e do esquecimento, pois é quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade” (ORLANDI, 2001, p. 49).

Orlandi (2001) apud Dorneles (2005) discute a incompletude como a condição da linguagem, visto que os sujeitos e os sentidos não estão completos. Ela afirma que “[...] homens e sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem”. Assim, isso acontece “[...] no discurso, no movimento do simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade” (p. 53).

Depois de distinguir e explicar diferentes modos de funcionamento do discurso (discurso autoritário, polêmico e lúdico), Orlandi (2001, p.87) afirma não haver um discurso que seja puro. Para ela é necessário que sejam evitadas categorizações,



etiquetas definidoras, sendo possível dizer que um “discurso tem um funcionamento dominante autoritário, ou tende para o autoritário”.

Aqui, cabe resgatar o que se falava inicialmente a respeito de gênero e o que se aborda acerca de discurso, uma vez que o percurso histórico da mulher evidencia uma espécie de apagamento do fazer/saber femininos, e esse registro, ao longo dos tempos, foi feito por homens. A representação feminina, nos textos literários analisados, de modo geral, mostra o discurso instituído, no passado, de que à mulher são relegados somente os afazeres do lar, o cuidado e educação da prole e, ao homem, o papel de provedor e, com isso, de certa forma, referenda o “direito” de “ditar” as regras do ambiente familiar e social.

Por outro lado, há personagens que rompem com o instituído em busca de novas possibilidades de compreender a realidade e nela intervir, como, Lavínia em *A mulher habitada*, da poetisa e revolucionária Gioconda Belli. Essa representação exemplificativa, como forma crítica de discutir esses papéis, permite a reflexão a respeito das questões de gênero, ideologia e discurso, de forma inter-relacionada e, portanto, apropriada ao objeto deste estudo.

Conhecendo um pouco do enredo

A casa dos espíritos, de Isabel Allende

O romance *A casa dos espíritos* (1982), de Isabel Allende, articula o passado e o presente de três gerações de uma família, cujo sobrenome é *Trueba* e do envolvimento na revolução socialista chilena, compondo o enredo acontecimentos permeados por inveja, ódio e traição. A autora, pela instância do narrador, traz uma visão acerca da história do país, no século XX, uma crítica ao golpe militar e à repressão, por meio dos Trueba, utilizando-se da alternância de um narrador em terceira e primeira pessoas.

Clara é inicialmente apresentada como menina, conhecida por suas visões sobrenaturais, previsões e contatos com espíritos e, no decorrer da narrativa, torna-se avó. Em contraposição, Esteban Trueba – que vai se tornar o patriarca da família -, com quem se casa, constitui-se em uma figura masculina marcada pela cólera frequente, e



por um amor à esposa. O desenrolar dos fatos vai revelar uma personalidade ambiciosa e arrogante, que se torna latifundiário e forte opositor do socialismo. Composto sua configuração psicológica, a inveja o domina ao perceber a influência que sua irmã Férula passa a exercer sobre a filha do casal, Blanca. Com isso, Blanca é enviada a um colégio interno, e a irmã expulsa de casa.

Dentro do extremo oposto desejado pelo pai, Blanca enamora-se de Pedro, o filho do capataz da fazenda, que é justamente líder da rebelião dos trabalhadores rurais contra o latifundiário. Na sequência, Blanca engravida, entretanto, seu pai, por ambições políticas, pretende casá-la com um homem da nobreza. Blanca e Pedro saem do país. Dessa união, nasce Alba, personagem feminina que dará continuidade à luta dos pais pelos ideais de justiça social.

A obra utiliza com maestria o realismo mágico, perfeitamente inserido dentro de uma abordagem histórico-social da realidade chilena e, pelo sucesso alcançado, é representada cinematograficamente em 1993.

A mulher habitada, de Gioconda Belli

A mulher habitada (1988), de Gioconda Belli, traz como personagem principal, Lavínia, que pode ser vista como uma espécie de duplo da própria autora. Lavínia subverte a ordem instituída, ingressando na luta pela libertação de sua nação. Na biografia de Gioconda Belli, consta sua participação na Força Sandinista de Libertação Nacional, que, nos anos de 1970, foi responsável pela derrocada do ditador Anastácio Somoza, que manteve a Nicarágua, sob seu poder, por mais de quatro décadas.

Analisando as obras

Durante muitos anos, a mulher permaneceu em posição submissa ao homem, seja ao pai, seja ao marido. Sempre presente nas lidas do lar e na criação dos filhos, mas sem voz ativa na sociedade, foi conduzida por uma visão patriarcal, na qual a História, registrada por homens, encarregou-se de deixá-la à margem dos fatos.



Tendo isso como parâmetro, os romances analisados, em seu conjunto, trazem a figura feminina quase sempre, como esteio do lar, mas em outro extremo, há algumas personagens que conseguem romper com os estereótipos criados pela tradição, a exemplo de Lavínia, em *A mulher habitada*, de Belli e das mulheres de *A casa dos espíritos*, de Allende, que, embora vivenciando entraves, oriundos do meio em que vivem, aos poucos vão se conscientizando da função social da mulher, destacando-se, dentre elas Blanca e Alba.

Assim, as mulheres que conseguiram romper com o sistema patriarcal eram aquelas que não aceitavam os limites aos quais estavam reduzidas e optaram por lutar contra o machismo imposto.

A casa dos espíritos inicia com a afirmação: "Barrabás chegou à família por via marítima [...]" (ALLENDE, 2004, p. 9) e encerra com a mesma frase, numa alusão circular, com o resgate de Alba acerca da memória dos fatos vividos e registrados nos manuscritos da avó Clara. Quanto a esse registro, pela instância do narrador, na voz de Alba, a citação seguinte dimensiona a efemeridade do tempo e a necessidade de compreensão dos acontecimentos. À medida em que retoma o passado familiar, Alba compreende e reescreve a realidade, com o seu olhar, e ele se revela modificado:

Escrevo, ela escreveu, que a memória é frágil, e o transcurso de uma vida, muito breve, e tudo acontece tão depressa, que não conseguimos ver a relação entre os acontecimentos, não podemos medir a conseqüência [...] dos atos, acreditamos na ficção do tempo, no presente, no passado e no futuro, mas também pode ser que tudo aconteça simultaneamente, como diziam as três irmãs Mora, que eram capazes de ver no espaço os espíritos de todas as épocas. Por isso minha avó Clara escrevia em seus cadernos para ver as coisas em sua dimensão real e driblar a sua péssima memória. [...] E, agora, procuro o meu ódio e não posso encontrá-lo [...] Quero pensar que meu ofício é a vida e que minha missão não é prolongar o ódio, mas apenas encher estas páginas [...]" (ALLENDE, 2004, p. 447).

A narrativa abrange o decorrer de quase um século (de 1905 ao final dos anos setenta), no qual se observam quatro gerações de mulheres, que, aos poucos, vão avançando e conseguem atingir certa emancipação, em uma sociedade de base patriarcal. A trajetória feminina inicia com Nívea, a matriarca, seguida de Clara, cujo



contato com os espíritos rompe com o mundo regrado pela logicidade, colocando-se, naturalmente, numa relação fantástica.

Essa caminhada de conscientização do papel feminino, na construção da sociedade, é seguida por Blanca, que inicia o processo de subversão política, questionando as relações de poder, e culminando com Alba, que também ingressa no socialismo. São mulheres de classe elevada que vão compreendendo o espaço diminuto de atuação feminina em uma sociedade machista, que revelam a sua percepção acerca do mundo e seus problemas sociais. Nesse tocante, a passagem abaixo é ilustrativa da percepção de Clara:

Tal como fizera com a mãe nos tempos de mudez, levava agora Blanca para ver os pobres, carregada de presentes e atenuantes.
- Isso serve para nos tranquilizar [*sic*] a consciência, filha – explicava a Blanca. – Mas não ajuda os pobres. Eles não precisam de caridade, mas sim de justiça.
Era nesse ponto que tinha as maiores discussões com Esteban, cuja opinião a esse respeito era diferente (ALLENDE, 2004, p. 148).

No contraste com as personagens femininas, destacam-se duas figuras masculinas: Esteban Trueba, poderoso latifundiário, de temperamento forte, machista e avesso a convicções modernistas, por associá-las ao comunismo, e Pedro, o filho do capataz da fazenda. O primeiro impõe-se pelo poder econômico e oprime os que o cercam; o segundo luta contra o latifúndio.

O narrador onisciente em terceira pessoa acompanha o pensamento de Esteban, que impede, com a força, tentativas de mudança do sistema: “Com esses pobres-diabos há que se ter pulso firme; é a única linguagem que entendem. Se se amolece, não se é respeitado. [...] Não sabem limpar o rabo e querem ter direito a voto! Se não sabem para onde vão, como vão saber de política?” (ALLENDE, 2004, p.75). Pedro Terceiro tinha ideias reformistas, assentadas na justiça social nas relações de trabalho. Um dia, com o violão cantava:

[...] qualquer coisa a respeito de galinhas organizadas que se uniam para enfrentar o raposo e o venciam. [...] Desde esse dia, Esteban Trueba teve-o na mira [...] Foi nesse ano que Esteban o açoitou com seu chicote diante do pai por ter levado aos empregados as novidades que andavam circulando em meio aos



sindicalistas da aldeia, idéias [sic] de folga aos domingos, salário mínimo, aposentadoria e assistência médica, licença-maternidade para as mulheres grávidas, voto sem pressões e, o mais grave, a idéia [sic] de uma organização camponesa que pudesse enfrentar os patrões.

Durante a rebelião militar, a luta do sistema contra os revolucionários e a prisão voluntária, na própria casa de Trueba, Pedro foi salvo, a pedido de Blanca (que o havia escondido por longo tempo), justamente por Esteban, então senador, que, juntamente com a filha, levou-o escondido para a embaixada e de lá, ambos evadiram-se do país, para finalmente, viverem em paz o amor adiado, desde a meninice.

Lavínia, em *A mulher habitada*, por sua vez, é uma mulher independente financeiramente, cuja busca de afirmação, no mundo masculino, é moldada pelas perspectivas de sua classe. No decorrer da trama, a personagem vai amadurecendo, percebendo as injustiças sofridas pelo povo e, então, entra na luta armada, em prol da libertação de seu país. Dessa forma, manifesta concretamente suas opções políticas, ao mesmo tempo em que questiona sua posição na sociedade, enquanto mulher.

O recorte abaixo ilustra o processo de reflexão que ocorre, a partir do diálogo de Sebastián com Lavínia, a respeito de Felipe, com quem a jovem mantém um relacionamento amoroso e com o qual integra o movimento revolucionário. É interessante perceber a condução do raciocínio da personagem masculina acerca das posições machistas instituídas. À medida que, com certa docilidade, discute a questão, levando Lavínia a intuir que ele não é machista, reafirma a posição patriarcal, não apenas pelas palavras, mas pelos preceitos que norteiam seu discurso:

- Agora você deve ter cuidado de não cair na tentação de se consultar com ele sobre suas tarefas. [...] Desse modo ele vai aprender a respeitá-la e a perceber se você está madura ou não⁸
- Nós, homens, geralmente, costumamos a aceitar partilhar certas coisas com as mulheres. Afeta-nos o espírito competitivo. Há um grau de satisfação em se sentir importante frente à mulher amada. O machismo, você sabe...
- Você não parece machista... - sorriu Lavínia [...]
- Claro que sou machista. O que acontece é que eu finjo melhor que Felipe [...]
- [...]
- Todos somos machistas, Lavínia. Até vocês mulheres. O duro é perceber que não devemos sê-lo. Mas da teoria até a realidade há um longo caminho. Eu tento...

⁸ Referindo-se à participação de Lavínia no movimento político.



- Não estou de acordo em que as mulheres são machistas [...]. O que acontece é que nos acostumaram a um certo tipo de comportamento... vocês, os homens. (BELLI, 2000, p. 191-192).

Por outro lado, o envolvimento com os membros do movimento esquerdista e a consequente morte de seu amado Felipe, leva a moça a descobrir uma nova identidade. No convívio com as questões políticas, os anseios, os temores, as lutas coletivas, Lavínia vai avançando sua configuração humana, que passa da compreensão do amor individual ao amor coletivo, pois "[...] estar ali com as costas na parede, no meio daquelas pessoas que se atreviam a sonhar, produzia-lhe um suave calor interno, a certeza de ter se encontrado, de ter chegado ao porto" (BELLI, 2000, p. 375).

A perspectiva do narrador, com uma linguagem que vai, aos poucos preparando o leitor para o desfecho trágico, mostra o alcance da nova identidade desse sujeito mulher, que ultrapassa os limites das diferenças sociais e se sente completa no meio dos, agora, seus verdadeiros companheiros de batalha, de vida. O recorte, a seguir, permite essa visualização, ao mesmo tempo em que alude a noção de corpo, presente no próprio título da obra, *A mulher habitada*:

Eles se defenderiam, agiriam como um só corpo, movidos por um mesmo desejo, uma mesma inspiração.
Depois de tantos meses, teve a sensação de ter conseguido uma identidade com a qual se vestia e se esquentava. Sem sobrenome, sem nome – só a “Doze” -, sem posses, sem saudade de tempos passados, nunca tinha tido uma noção tão clara do próprio valor e importância; de ter vindo ao mundo, nascido para a vida para construir [...] (BELLI, 2000, p. 375).

Ao final do romance, Lavínia é executada a tiros, e um poema expõe o estado atual da personagem, cujo corpo mistura-se a terra e o espírito paira no vento:

Ninguém possuirá este corpo de lagos e vulcões,
Esta mistura de raças,
Esta história de lanças;
[...]
Serão nossos o ouro e as penas,
[...]
A flor nacional da Nicarágua,
Ninguém que ama morre jamais (BELLI, 2000, p. 398).

Em tudo isso se percebe a representação feminina em um contexto, marcadamente masculino, em que a ideologia dominante é de cunho machista, mas no



qual ela se afirma, assumindo uma posição, não de superioridade, mas de natural inserção entre seus pares, homens e mulheres da luta contra a arbitrariedade e a violência, em prol da justiça.

Assim, os romances em estudo foram apropriados ao desenvolvimento da pesquisa.

Conclusão

Os aportes teóricos consultados revelam que, no decorrer da História, a mulher foi constantemente subjugada pelo homem, cujo poder e dominação eram instituídos como caracteres naturais.

As obras literárias analisadas revelaram uma representação feminina significativa, prevalecendo, no todo, o poder e autonomia do homem, entretanto, mulheres como Blanca, Alba e Lavínia foram capazes de (em menor ou maior grau) subverter os padrões histórico-sociais, imprimindo uma nova ordem, contra tudo e todos que insistiam em manter a sociedade estagnada, o ser humano escravizado, física e politicamente. Mulheres de realidades diferentes que, com sua luta e sofrimento, abriram espaço para uma nova perspectiva de vida.

Dessa forma, entende-se que o estudo em questão pode colaborar com o avanço das discussões e reflexões nas áreas de literatura e linguagem.

Referências

- ALLENDE, Isabel. **Casa dos espíritos**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.
- BELLI, Gioconda. **A mulher habitada**. (1998) (tradução de Enrique Boero Baby). São Paulo: Record, 2000.
- DORNELES, Elizabeth Fontoura. **A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados**. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: **A mulher na literatura**. Florianópolis: UFSC, 1992.



ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART, Paulo N. **Estudos culturais e contemporaneidade**: literatura, história e memória. Dourados: UFGD, 2012.

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano**: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa. (Tese de Doutorado), Porto Alegre: UFRGS, 2007.